

# OS DETERMINANTES DA DECISÃO ENTRE ESTUDO E TRABALHO DOS JOVENS NO BRASIL E A GERAÇÃO NEM-NEM

Eduardo Tillmann<sup>1</sup>

Flavio Comim<sup>2</sup>

Este artigo busca identificar características dos jovens ligadas à decisão entre trabalhar e estudar. Para tal, duas definições de trabalho são utilizadas: a de ocupação remunerada e a que inclui os trabalhos sem remuneração, entre estes, a responsabilidade sobre os afazeres domésticos. Na primeira definição, verificou-se a importância do papel da educação dos pais e da renda do domicílio sobre a decisão de acumulação de capital humano dos filhos, reforçando a ideia de que existe uma transmissão intergeracional da educação e de oportunidades. Além disso, a maternidade associou-se às jovens não estarem mais estudando. Por sua vez, a segunda definição permitiu identificar diferenças principalmente para as mulheres jovens. Em geral, os resultados associam as mulheres da geração nem-nem à baixa escolaridade, ao meio rural, ao casamento e à maternidade. Uma comparação entre as duas definições de trabalho indica que na definição mais abrangente o efeito de residir no meio rural e do casamento intensifica-se nas chances das jovens serem nem-nem, enquanto a maternidade passa a indicar maior propensão de estarem apenas trabalhando. Dessa forma, o artigo destaca a necessidade de se buscar instrumentos que permitam a elas uma maior conciliação entre os afazeres domésticos, o mercado de trabalho e os estudos.

**Palavras-chave:** jovens; Brasil; nem-nem; tarefas domésticas.

## THE DETERMINANTS OF YOUNG PEOPLE'S DECISION BETWEEN STUDY AND WORK IN BRAZIL AND THE NEET GENERATION

This article seeks to identify the characteristics related to the decision of youngsters between work and school. For that, two definitions of labor are considered: paid occupation and another that also includes work without compensation, such as the responsibility for housework. The first definition highlights the importance of the role of parents' education and household income on children's human capital accumulation decision, reinforcing the idea that there is an intergenerational transmission of education and opportunities. In addition, motherhood was associated with youngsters not being in school. The second definition allowed the identification of differences mainly regarding young women. In general, the results associate NEET women with low schooling, inhabiting in rural areas, marriage and motherhood. A comparison between the two definitions of labor indicates that in the broader definition the effect of inhabiting in rural areas and of marriage is more intense with the chances of young women being NEET, meanwhile motherhood starts indicating a greater chance of them being only working. Thus, this work strengthens the need for instruments that enable women a greater conciliation between housework, market work and study.

**Keywords:** youth; Brazil; NEET; housework.

JEL: J64. O54. D19.

---

1. Doutorando em economia aplicada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGE/UFRGS). *E-mail:* <eduardo.tillmann@ufrgs.br>.

2. Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGE/UFRGS) e da Universidade de Cambridge. *E-mail:* <fvc1001@cam.ac.uk>.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, de acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra e Domicílio - Pnad (IBGE, 2011), o Brasil possui 49,1 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que representa 25% da população total. É um enorme desafio promover um crescimento que seja capaz de garantir uma vida digna a todos esses jovens. Especialmente em um país marcado pela baixa qualidade da educação secundária (Bruns *et al.*, 2012), onde a taxa de fecundidade é de 67 para cada 1.000 adolescentes de 15 a 19 anos (WDI, 2014), e possuidor de uma das taxas mais altas do mundo de homicídio juvenil, resultando em um desperdício econômico estimado em 1,5% do produto interno bruto (Cerqueira; Moura, 2014).

Esses fatores, associados à situação de pobreza, baixa escolaridade, falta de oportunidades e de perspectivas futuras, remetem à dificuldade de inserção social dos jovens no Brasil. Contribuindo, portanto, para o prolongamento do processo de transição para a vida adulta, justificado primeiramente pela extensão da permanência do jovem na escola (Camarano *et al.*, 2006) e, mais recentemente, pelo fenômeno da geração nem-nem,<sup>3</sup> isto é, dos jovens que não estudam e não trabalham (Camarano e Kanso, 2012). Estes últimos representam um dos maiores desafios contemporâneos para o desenvolvimento, em função das consequências negativas que a inatividade possui para o futuro desses indivíduos, suas famílias e para a sociedade (Pnud, 2009).

O presente trabalho investiga os determinantes da decisão dos jovens<sup>4</sup> entre trabalhar e estudar por meio de uma comparação da definição usual de trabalho e uma definição mais abrangente, que inclui trabalhos não remunerados e as tarefas domésticas. O objetivo é buscar identificar diferenças nessas duas definições e possibilitar uma maior compreensão das jovens nem-nem, associadas ao perfil de trabalhadoras domésticas.

Segundo a Pnad (IBGE, 2011), no Brasil, 70% dos jovens que não trabalham e não estudam são mulheres, demonstrando a forte discrepância entre os sexos que existe neste fenômeno. A inclusão das tarefas domésticas como trabalho ajuda a evidenciar algumas particularidades dessas jovens, principalmente no que tange a adoção de políticas inclusivas. Nesse sentido, este trabalho argumenta que essas políticas devem buscar instrumentos que permitiam às jovens conciliar tais tarefas, o que possibilita a permanência delas na escola e no mercado de trabalho.

Este artigo está dividido, além desta introdução, em seis seções. A seção 2, Referencial teórico, trata de uma breve revisão de literatura sobre a importância dos investimentos em capital humano durante a juventude, para, em seguida, expor a

---

3. Também é comum na literatura encontrar os termos NEETs ou NiNis, que são as siglas em inglês e espanhol, respectivamente, para descrever este fenômeno.

4. A definição de jovens segue a Emenda à Constituição nº 42/2008, que caracteriza a faixa etária dos jovens como de 15 a 29 anos.

problemática dos jovens nem-nem. A seção 3 - Perfil dos jovens no Brasil - apresenta os dados da Pnad (IBGE, 2011), enquanto a seção 4, Método, é dedicada ao método aplicado na presente investigação. Os resultados encontrados, que têm como ênfase os jovens que não trabalham e não estudam estão dispostos em Resultados e discussão, na seção 5, e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A juventude configura-se como uma faixa de idade bastante propícia para investimentos em capital humano, uma vez que há um horizonte mais longo de tempo para que se recuperem os custos e exista uma maior maturação desses investimentos (Banco Mundial, 2007). Essa é a principal visão da abordagem do capital humano sobre os jovens, uma vez que por ela, a decisão de estudar pode ser entendida como um investimento de longo prazo, contabilizado pelos seus ganhos potenciais sobre os níveis de consumo e renda futuros.

As famílias, portanto, decidem se o jovem deve permanecer nos estudos ou ingressar no mercado de trabalho, tendo em vista que, além de potenciais geradores de renda no presente, eles têm a capacidade de acumular capital humano para o futuro. Essas decisões, no entanto, possuem elevados custos de oportunidade para as famílias, principalmente aquelas em situação de maior vulnerabilidade, especialmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil, onde a baixa qualidade da educação favorece o ingresso no mercado de trabalho de muitas crianças e jovens (Gonzaga *et al.*, 2012).

A abordagem microeconômica assume que os indivíduos maximizam bem-estar, de forma a adotar um comportamento consistente no tempo, isto é, os indivíduos tentam fazer o melhor para antecipar as consequências incertas de seus atos. No entanto, essas ações são restritas por recursos limitados, como renda, tempo, memória imperfeita e capacidade de cálculo, e pelas oportunidades disponíveis na economia, que, por sua vez, são amplamente determinadas pela ação privada e coletiva de outros indivíduos e organizações. Na visão de Becker (1965), diferentes restrições são decisivas em diferentes situações, mas a mais fundamental é a do tempo, pois enquanto a quantidade de bens e serviços pode ser expandida, o tempo disponível para consumi-los permanece limitado. Assim, quanto maior a disponibilidade de bens, maior é a valorização dada ao tempo.

A inclusão da dimensão do tempo é fundamental para o estudo das decisões de alocação dos recursos por parte da família, principalmente àquelas que se referem à acumulação de capital humano. Um dos precursores desta literatura, Becker (1991), propõe um modelo em que a família é entendida como uma unidade de tomada de decisão,<sup>5</sup> que aloca seu tempo entre tarefas domésticas e

---

5. Isto é, assume-se que os pais agem como se maximizassem uma única função de utilidade.

de mercado, visando à maximização do consumo. Desse modo, as mulheres, em função de características intrínsecas, acabam especializando-se nas tarefas domésticas. Isto é, as diferenças biológicas que levam as mulheres a terem maior compromisso com a maternidade, fazem com que os homens possuam vantagem comparativa no trabalho de mercado, determinando a direção da divisão sexual do trabalho.

Outros modelos mais complexos buscam analisar as desigualdades dentro da família<sup>6</sup> e explorar diferenças de gênero. Entre esses avanços, destaca-se Hadfield (1999), que liga o incentivo individual para a realização de investimentos em capital humano à busca de um futuro parceiro, e não às diferenças biológicas ou sexuais. Além deste, Albanesi e Olivetti (2009) exploram a ideia de que a diferença de salário entre homens e mulheres surge da crença por parte das firmas de que a incumbência das tarefas domésticas recai mais sobre as mulheres e, como o custo do esforço no trabalho é crescente com as horas gastas nessas tarefas, as firmas acabam por ofertar contratos com menores salários, ou de pagamentos por desempenho a elas.

Em suma, esses modelos racionalizam a divisão sexual do trabalho e corroboram com a ideia de que os homens possuem maiores incentivos a investir em capital humano. Existem, porém, externalidades positivas da promoção desses investimentos junto às mulheres, como a melhora na saúde da família e a diminuição da taxa de fecundidade (Schultz, 2002). Além de ganhos sociais da promoção desses investimentos de forma indiscriminada, conforme apontado por Arrow (1997) e Haveman e Wolfe (1984).

Entre os principais entraves para a acumulação de capital humano por parte das jovens, está a sua responsabilização pelas tarefas domésticas. Nesse sentido, Levison e Moe (1998), Kimmel e Connelly (2006) e Levison *et al.* (2001) argumentam que muitas particularidades das jovens são negligenciadas ao não serem consideradas as atividades domésticas na definição de trabalho, principalmente na adoção de políticas voltadas para incentivar a escolaridade de crianças e adolescentes do sexo feminino. A evidência empírica mostra que esse tipo de trabalho é tão prejudicial à escolaridade quanto o ingresso no mercado de trabalho (Kruger; Berthelom, 2008) e muitas vezes ocorrem devido ao fato dessas jovens substituírem os pais nos cuidados com crianças (Edmonds, 2007).

Além de dificultar o acúmulo de capital humano das mulheres, as tarefas domésticas também afetam seus salários, uma vez que restringem a quantidade de tempo que as mulheres dispõem para o mercado formal. Assim, a responsabilidade pelos afazeres domésticos, dado que o tempo é um recurso finito, pode causar a redução de horas no trabalho ou o seu abandono, o que dificulta o acúmulo de experiência que, por sua vez, está associado positivamente com os salários. De outra forma,

---

6. Como Chiappori (1992), Manser e Brown (1980) e McElroy e Horney (1981). Para uma revisão mais completa, ver Strauss e Thomas (1995).

as tarefas domésticas podem ter efeito negativo sobre os salários por reduzirem o esforço disponível para as atividades do mercado de trabalho usual, afetando a produtividade e, por consequência, os rendimentos (Becker, 1985; Hersch, 1985).

## 2.1 Os jovens nem-nem

A literatura analisada até então, é fundamental para se entender o problema da geração nem-nem, isto é, dos jovens que não estudam e não trabalham. Existem diversos estudos que apontam as sérias consequências de longo prazo decorrentes desse fenômeno (Coles *et al.*, 2010; Pardo, 2011; Dorsett e Licchino, 2012). Entre essas consequências, estão a maior probabilidade de se tornarem desempregados, de usarem drogas e álcool, de possuírem saúde precária, de engravidarem na adolescência e de se envolverem no crime. Além disso, Bynner *et al.* (2000), Bynner e Parsons (2002), Popham (2003) e Robson (2008) mostram que jovens nessa categoria são oriundos de famílias mais humildes e estão ligados às más experiências durante o período de educação, tais como, dificuldades de aprendizado e falta de motivação.

Segundo Quintini e Martin (2006), cada vez mais, jovens encontram dificuldades em encontrar emprego e buscam refúgio na inatividade. Um dos motivos para tal, de acordo com Furlong e Cartmel (2007), está no fato de que a transição entre a escola e o trabalho tem sido mais prolongada e mais específica ao indivíduo, em função de reestruturações no mercado de trabalho, do aumento da demanda por trabalhadores mais educados, de práticas mais flexíveis de emprego e da adoção de políticas sociais, o que dificulta, ainda mais, o processo de transição do jovem da adolescência para a vida adulta.

Há, também, um forte viés de gênero dentro da problemática dos nem-nem, uma vez que as mulheres jovens são mais propensas a permanecer em casa para cuidar de irmãos menores, já serem mães ou, ainda, para realizar as atividades domésticas (Chevalier; Viitanen, 2003; Novellino, 2010). Estudo realizado por Costa e Ulysea (2014) mostra que ser mulher e ter filhos estão entre as principais características associadas à propensão de ser nem-nem. Esses pesquisadores, ao analisarem a Pnad, no período de 1992 até 2012, identificaram, no entanto, que houve melhora na inserção dessas mulheres no mercado de trabalho e na escola durante os últimos vinte anos no Brasil.

Estudos voltados para a tomada de decisão dos jovens entre estudar e entrar no mercado de trabalho, como Corseuil, Santos e Foguel (2001), Menezes-Filho *et al.* (2002), dão ênfase à importância da família, gênero, renda e escolaridade nas escolhas efetuadas. Além destes, Alcázar *et al.* (2002) ressaltam que os jovens no meio rural de países sul-americanos têm maior dificuldade de acesso a bens e serviços, o que restringe o acesso à escola e o ingresso no mercado de trabalho, o que faz com que se espere um maior número de jovens que não estudam e não trabalham

nesses locais. O estudo mostra, ainda, que o ambiente rural está associado a uma menor renda familiar e a uma menor escolaridade dos pais, o que perpetua tais dificuldades.

Essa relevância do papel da família no desenvolvimento dos filhos ressalta a existência de uma transmissão intergeracional de oportunidades. No Brasil, porém, a essência deste problema está no *trade-off* entre trabalhar e continuar a educação formal em escolas de baixa qualidade. Segundo Gonzaga *et al.* (2012), isso faz com que o custo de oportunidade dos estudos, principalmente das famílias menos favorecidas, seja muito alto. Desse modo, os autores apontam para a existência de um ciclo vicioso, em função da falta de experiência dos jovens e da exigência, principalmente para se conseguir um trabalho formal, de experiência prévia. O resultado é um mercado de trabalho com muitos trabalhadores em empregos informais, de baixo salário, com poucas chances de promoção e de aumento real no salário.

Em função disso, o Brasil apresenta uma alta taxa de rotatividade no mercado de trabalho para essa faixa etária (Gonzaga, 2003) e, também, uma tendência cíclica na empregabilidade dos jovens. Isto é, eles deixam a escola para ficar um curto período de tempo no setor informal, passam para o setor formal por períodos mais longos e, finalmente, tornam-se autônomos (Cunningham; Salvagno, 2011).

O enfrentamento das causas e das consequências trazidas pelos jovens, em especial os da geração nem-nem, vai ao encontro das propostas dos Objetivos do Milênio<sup>7</sup> (ONU, 2013), que destacam a necessidade de uma maior igualdade de gênero, principalmente por meio da maior inclusão das mulheres na educação e, também, do alcance do emprego pleno e produtivo e do trabalho decente para todos. Em suma, a busca de melhores condições de vida para mulheres e jovens no Brasil significa contribuir para o florescimento da juventude e, também, reduzir uma das maiores desigualdades, em termos de distribuição de renda do mundo.

### 3 PERFIL DOS JOVENS NO BRASIL

Nesta seção será apresentado o perfil do jovem no Brasil com base na Pnad de 2011, com a ideia de caracterizar o processo de transição para a vida adulta por intermédio de atributos como sexo, escolaridade, região etc. Para isso, a amostra foi dividida em quatro categorias, de acordo com a atividade que o jovem exerce, levando em consideração a semana de referência, que são: *i*) nem-nem; *ii*) trabalha; *iii*) estuda, *iv*) trabalha e estuda.

Segundo a Pnad (IBGE, 2011), o Brasil possui 49,1 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que representa 25% da população total. Isso indica um aumento no número de pessoas dentro dessa faixa etária, que nos anos de 1980 e 2000 atendia, respectivamente, por 34,5 milhões e 47 milhões de brasileiros. No entanto,

---

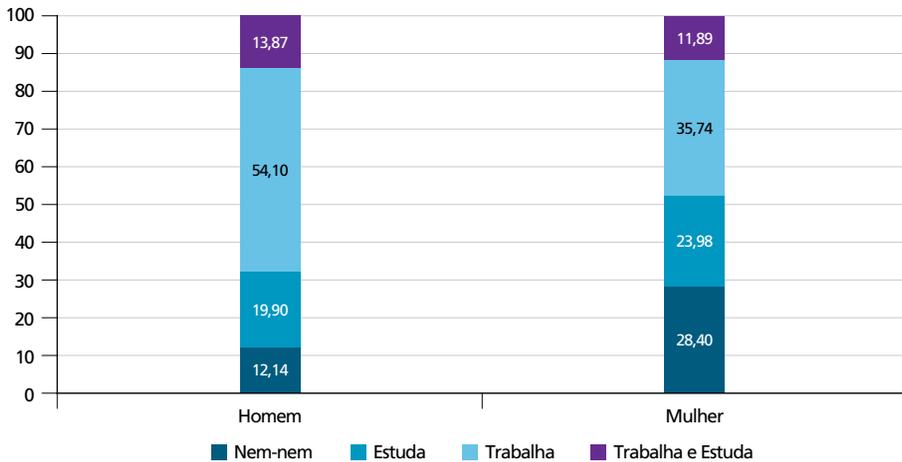
7. Para mais informações, ver <<http://goo.gl/LLE8l>>.

há um declínio no que se refere à proporção da população, que era de 29% em 1980 e 28,3% em 2000. Essa diminuição de percentual é um fenômeno demográfico denominado de “ondas jovens” (Bercovich; Madeira, 1990; Bercovich; Massé, 2004).

No gráfico 1, é apresentada a distribuição dos jovens de acordo com as quatro categorias que indicam a decisão entre frequentar a escola e ingressar no mercado de trabalho, separada por sexo.

GRÁFICO 1

**Brasil: distribuição dos jovens de acordo com a categoria e o sexo (2011)**  
(Em %)



Elaboração dos autores, com base nos microdados da Pnad (IBGE, 2011).

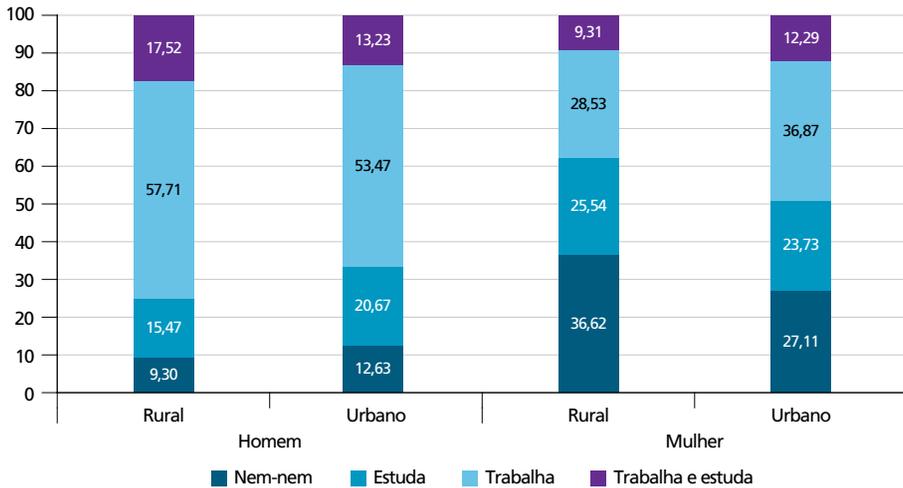
Nota-se que a categoria Trabalha é predominante para os jovens do sexo masculino e do feminino, com 54,10% e 35,74%, respectivamente. Por sua vez, a categoria Nem-nem é a de menor representatividade entre os homens, com 12,14%, e a segunda maior entre as mulheres, com 28,40%. Esses valores realçam a maior propensão dos jovens do sexo masculino em trabalhar, uma questão importante para a desigualdade de gênero.

Vale a pena destacar, também, que existem 10,1 milhões de jovens que se encontram na categoria Nem-nem. Número que reflete a maior dificuldade de ingresso no mercado de trabalho por parte dos jovens, o que faz com que fiquem mais tempo em estado de desemprego (Ilo, 2006), o que é atribuído ao alto grau de volatilidade existente no mercado de trabalho durante essa faixa etária, resultado do tempo e do esforço do jovem em identificar um emprego que se ajuste as suas preferências (Miller, 1984; Quintini, *et al.* 2007; Cunningham, 2009) e, também, por estarem mais sujeitos às flutuações do mercado (Weller, 2007; Pnud, 2009).

No gráfico 2, a seguir, busca-se identificar diferenças entre as categorias de análise, não só por sexo, como também entre as zonas urbana e rural em que os jovens residem.

GRÁFICO 2

**Brasil: distribuição dos jovens de acordo com a área de residência (2011)**  
(Em %)



Elaboração dos autores, com base nos microdados da Pnad (IBGE, 2011).

É possível notar que para os homens a categoria Trabalha predomina, independentemente da localização, com 57,71%, no meio rural, e 53,47%, no urbano. Esse percentual mais elevado na zona rural, aliado ao maior percentual na categoria Trabalha e estuda, de 17,52%, são reflexos das maiores responsabilidades que os jovens residentes na zona rural possuem.<sup>8</sup> Já as categorias apenas Estuda e Nem-nem apresentam valores superiores na zona urbana, com 20,67% e 12,63%, enquanto, no meio rural, os percentuais ficam em 15,47% e 9,30%, respectivamente.

As mulheres distribuem-se entre as categorias de forma mais homogênea do que os homens estejam elas na zona rural, estejam elas na zona urbana. No meio rural, a categoria de maior relevância para as jovens é a nem-nem, com 36,62%, seguida por trabalhar, 28,53%, enquanto, no meio urbano, essa ordem inverte-se, sendo a principal trabalhar, 36,87%, seguida por nem-nem, 27,16%. Isto é, apesar de percentualmente, a categoria nem-nem é menos representativa no meio urbano, mais de uma em quatro jovens estão nessa condição.

Os percentuais das jovens do sexo feminino que estudam e trabalham no meio urbano e rural é de 12,29% e 9,31%, respectivamente. Isso corrobora com a maior

8. Para mais informações, ver Vieira (2008).

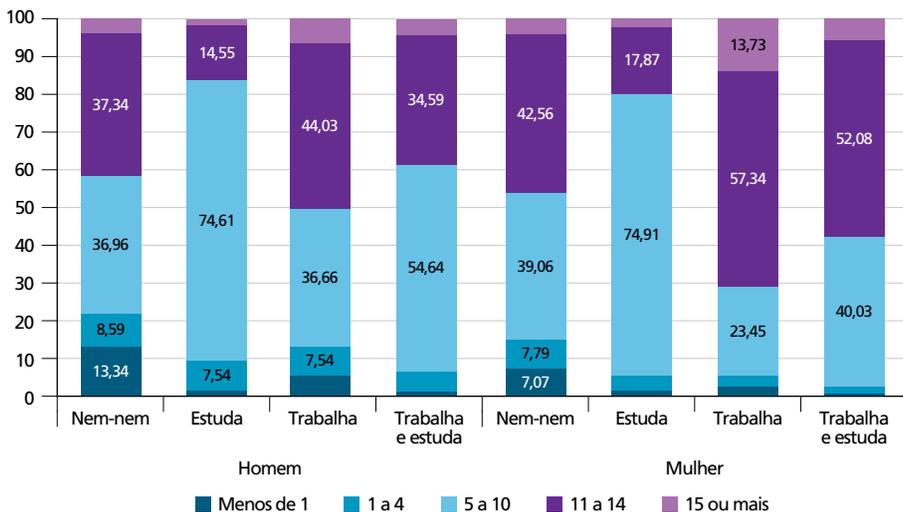
probabilidade dos homens em trabalhar, principalmente no meio rural, onde a parcela de jovens do sexo masculino nessa categoria ultrapassa os 17%. É importante destacar, ainda, que a categoria apenas estuda é superior para as mulheres, tanto no meio rural como no meio urbano, com respectivos 25,54% e 23,73%.

Estudos como o de Alcázar *et al.* (2002) indicam que, em países sul-americanos, os adolescentes no meio rural têm menor acesso a bens e serviços, o que dificulta a frequência escolar e o ingresso no mercado de trabalho. Ainda, o estudo mostra que o ambiente rural está associado a uma menor renda familiar e a uma menor escolaridade dos pais, o que perpetua tais dificuldades. Além disso, os dados da Pnad (IBGE, 2011) indicam que apenas 23% dos homens e 19% das mulheres jovens que trabalham no meio rural possuem carteira assinada, percentuais que aumentam para cerca de 60% entre homens e mulheres no meio urbano. Esse elevado grau de informalidade no emprego dos jovens rurais está ligado, não só ao diferencial de salários em relação ao urbano, mas também ao menor acesso a equipamentos públicos, às baixas condições de vida e à menor média e qualidade do ensino (Ferreira; Alves, 2009).

O tema da escolaridade é mais bem explorado no gráfico 3, em que é apresentada, por intervalos de anos de estudo, a decisão dos jovens entre trabalhar e estudar, separada por sexo.

GRÁFICO 3

**Brasil: distribuição dos jovens de acordo com os anos de estudo e a categoria (2011)**  
(Em %)



Elaboração dos autores, com base nos microdados da Pnad (IBGE, 2011).

As diferenças entre homens e mulheres, observadas no gráfico 3, são menos marcantes do que nos casos anteriores. Em ambos os sexos, os que só trabalham têm, em sua maioria, de 11 a 14 anos de estudo, de forma que 44,03% dos homens e 57,34% das mulheres que decidem apenas trabalhar estão nesse intervalo de escolaridade. O maior percentual encontrado para as jovens reflete a maior propensão da mulher em terminar o ensino médio<sup>9</sup> e, então, dedicar-se exclusivamente ao trabalho. Essa maior escolaridade da mulher no mercado de trabalho também é refletida na categoria trabalha e estuda, em que o percentual da categoria de 11 a 14 anos de estudo é de 52,08%, enquanto o percentual dos homens fica em apenas 34,59%.

A categoria apenas estuda está mais concentrada no intervalo de 5 a 10 anos de escolaridade, isto é, 74,61% dos homens e 74,91% das mulheres que se dedicam exclusivamente aos estudos estão nesse intervalo de nível escolar. Esses valores justificam-se principalmente em função desse intervalo representar o ensino fundamental e parte do médio, com forte correlação entre esses valores e as idades mais novas.

Por sua vez, a categoria referente aos jovens nem-nem é a que apresenta maior participação relativa de indivíduos com menos de um ano de escolaridade, tanto para mulheres como para homens. A correlação dessa categoria com a baixa escolaridade já foi evidenciada por Camarano e Kanso (2012), da qual as autoras também ressaltam a influência da baixa renda, da raça e da escolaridade do chefe do domicílio sobre a categoria. Apesar dessas questões serem aprofundadas na sequência, é evidente na literatura a preocupação com a influência da escolaridade dos pais nesta questão.<sup>10</sup> Não obstante, é importante ressaltar que a maioria dos jovens nem-nem estão nos grupos de 5 a 10 e de 11 a 14 anos de escolaridade, o que parece estar de acordo com a alta rotatividade dos jovens no mercado de trabalho (Cunningham, 2009; Gonzaga *et al.*, 2012).

A decisão do jovem entre trabalhar e estudar ocorre de forma dinâmica no tempo. Dessa forma, incluir as diferenças dessa alocação entre as idades é fundamental para a identificação dos períodos de maior relevância de cada uma das categorias analisadas e, também, dos períodos sensitivos que compõem a transição para a vida adulta. A participação dos indivíduos em cada categoria, de acordo com a idade, é apresentada no gráfico 4.

Conforme pode ser observado, ambos os sexos possuem predominância da categoria Estuda aos 15 anos de idade, o que corresponde a 75,66% dos homens e 82,98% das mulheres. É importante ressaltar que a categoria Estuda perde espaço para as demais, o que caracteriza o processo de transição para a vida adulta e pode ser entendido como a fase de maior efervescência nas mudanças de *status* (Fussel, 2006; Vieira, 2008).

9. No Brasil, o ensino fundamental corresponde de oito a nove anos de estudo, enquanto o ensino médio corresponde de onze a doze anos de escolaridade.

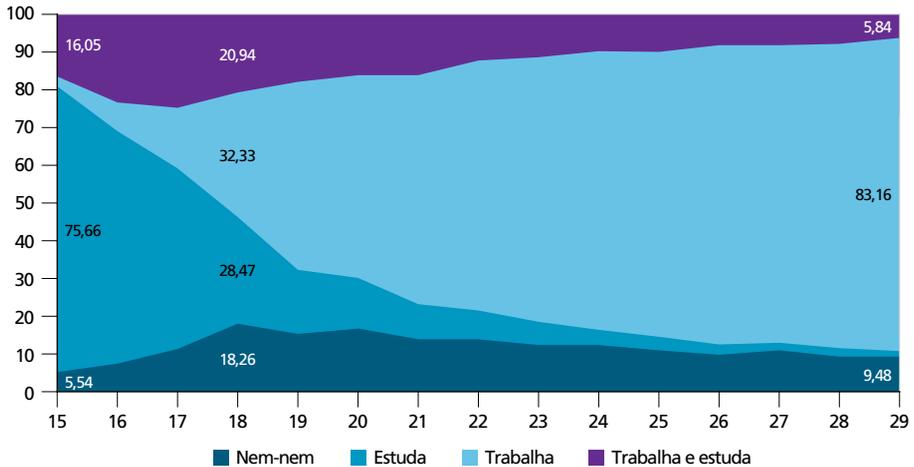
10. Conforme pode ser observado por Corseuil *et al.* (2001), Menezes-Filho *et al.* (2002), Lam e Duryea (1999).

GRÁFICO 4

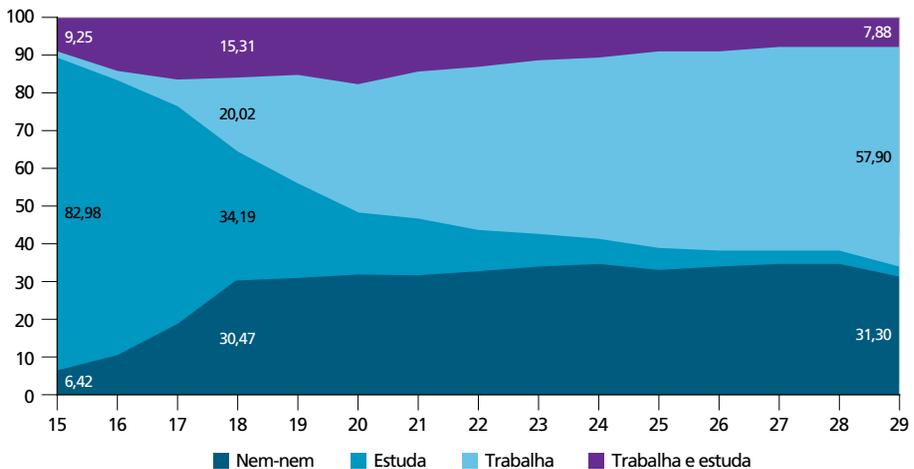
**Brasil: idade e categoria dos jovens, separados por sexo (2011)**

(Em %)

(a) Distribuição dos homens



(b) Distribuição das mulheres



Elaboração dos autores, com base nos microdados da Pnad (IBGE, 2011).

A categoria Trabalha é a que apresenta maior crescimento. No entanto, este é superior para os homens, uma vez que na idade final da amostra, 83,16% dos homens e apenas 57,9% das mulheres estão nessa categoria. A predominância do trabalho entre os jovens do sexo masculino, também se reflete na categoria Trabalha e estuda e que apesar de não ser tão expressiva, na média, apresenta valores superiores para os homens.

Cabe ressaltar as mudanças que ocorrem quando se passa a analisar os jovens que já atingiram a maior idade, isto é, 18 anos. A partir dessa idade, os homens majoritariamente apenas trabalham, importância que se repete até a última idade analisada. Já entre as mulheres, apenas estudar, perde o posto de predominante aos 19 anos, isto é, um ano mais tarde do que para os homens. Um dos fatores que contribui para este atraso é que tanto a categoria nem-nem, como a categoria apenas trabalha ganham espaço quando as jovens atingem a maioridade.

A relevância da categoria nem-nem entre as mulheres é verificada já a partir dos 18 anos, com 30,47% de representatividade, valor que permanece relativamente constante para as idades subsequentes, culminando com 31,30% na idade limite. Essa importância também é identificada em outros estudos, como Camarano *et al.* (2006), que sugerem uma permanência maior das jovens em casa, para o cuidado de irmãos menores, realização de atividades domésticas e em decorrência da maternidade (Chevalier; Viitanen, 2003; Novellino, 2010). Para os homens, a relevância dessa categoria é bastante distinta. O percentual máximo que ela atinge é de 18,26% aos 18 anos, no entanto, a partir desse ponto, há uma contínua redução do número de jovens nem-nem, que atinge 9,48% aos 29 anos.

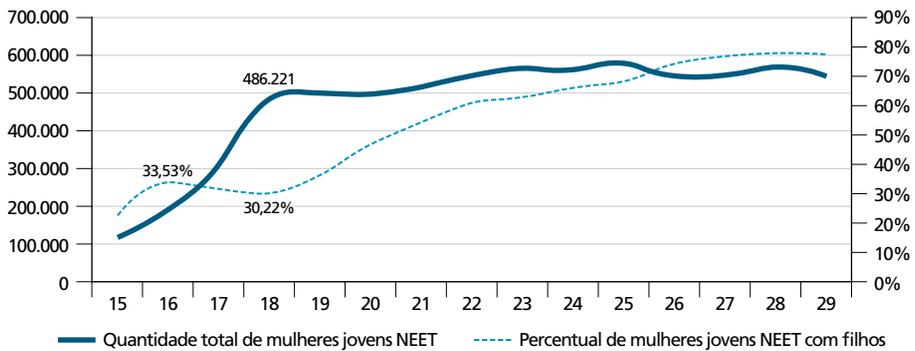
É importante destacar a ocorrência do fenômeno nem-nem entre as mulheres jovens e sua correlação com a maternidade. O motivo, conforme discutido anteriormente, remete à importância do acúmulo de capital humano, fator relevante para a prevenção dos riscos associados à adolescência. Nesse sentido, o gráfico 5 mostra a quantidade total de mulheres nem-nem e o percentual destas com filhos.

As tendências apresentadas pelas curvas no gráfico 5 mostram que apesar de haver uma menor quantidade de mulheres nem-nem nas idades mais novas, o percentual destas com filhos gira em torno de 30%, o que indica uma alta correlação entre ser mãe e a inatividade nessa faixa etária. Estudo realizado pela OECD (2014) mostra que no Brasil, apesar da maior inserção da mulher no mercado de trabalho em termos gerais, parte das jovens, principalmente as que vivem em comunidades mais carentes e sem oportunidades econômicas, ainda veem a maternidade como uma prioridade, reflexo da desigualdade social, uma vez que as jovens de maior nível educacional conseguem postergar a maternidade em função de suas carreiras e estudos. É importante destacar que, a partir dos 18 anos, o número de mulheres nem-nem fica estável em torno de 500 mil, enquanto o percentual das que possuem filhos aumenta até atingir em torno de 80%.

Outro aspecto importante de se destacar é o processo de independência dos jovens. Isso pode ser observado de acordo com a evolução da relação do jovem com o chefe do domicílio. Isto é, quando eles passam o *status* de filhos do chefe do domicílio, chefe ou cônjuge do chefe. O gráfico 6 mostra esta relação separada por sexo.

GRÁFICO 5

**Brasil: quantidade total de mulheres jovens nem-nem e o percentual delas com filhos (2011)**



Elaboração dos autores, com base nos microdados da Pnad (IBGE, 2011).

Conforme pode ser observado no gráfico para os homens, aos 15 anos de idade, praticamente nenhum jovem é tido como chefe de domicílio, sendo a grande maioria, 86,75%, filhos do chefe. A posição de filho, no entanto, começa a diminuir de relevância nas idades subsequentes, a partir dos indivíduos com 27 anos, essa categoria é ultrapassada em importância pela categoria Chefe. Dessa forma, na idade mais avançada da definição de jovem, os homens chefes de domicílio correspondem a mais de 50% dos indivíduos, enquanto os ainda filhos do chefe eram de apenas 31,53%.

Entre as mulheres, o percentual de filhas do chefe na idade inicial é de 82,26%, bastante semelhante ao dos jovens. No entanto, para as demais idades, há um aumento significativo da categoria Cônjuge do chefe, que representa 39% das jovens de 25 anos, superando o número de filhas do chefe. Já na última idade considerada pela definição de jovem, o percentual de cônjuges torna-se superior a 50%, enquanto o de filhas do chefe é pouco maior que 22%.

A elevada idade em que a maioria dos jovens consegue emancipar-se do domicílio de origem, quando comparada com o alcance da maior idade, vai ao encontro das evidências encontradas na literatura que apontam para o prolongamento da juventude no Brasil (Arruda, 2004; Mello, 2005; Madeira, 2006). Vale ressaltar que a maioria das mulheres tornam-se independentes do domicílio de origem dois anos antes dos homens. Essa evidência é corroborada por estudos demográficos como Vieira (2008), segundo o qual a transição para a vida adulta ocorre de forma precoce para as mulheres, principalmente no meio rural. Isso se justifica uma vez que 25% das cônjuges, com até 18 anos, estão no meio rural – um percentual bastante significativo considerando que neste local vivem apenas 16,5% do total de mulheres nessa faixa etária. Além disso, ao se verificar a relação entre a emancipação

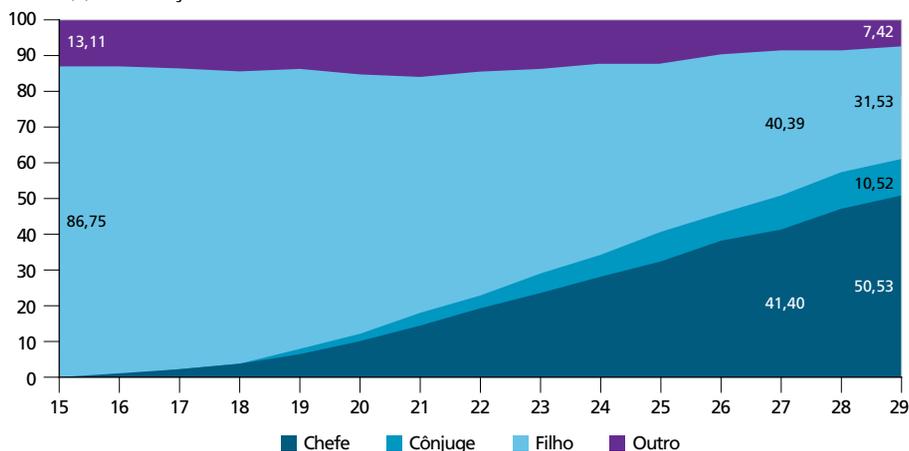
e a gravidez entre as jovens com até de 18 anos, 35,6% das mães nessa faixa etária são cônjuges do chefe do domicílio, enquanto 38% ainda são filhas do chefe. Chama atenção, também, o fato de 17% possuírem outro<sup>11</sup> parentesco com o chefe, indicando a importância de famílias compostas por outros laços familiares, como avós e tios.

GRÁFICO 6

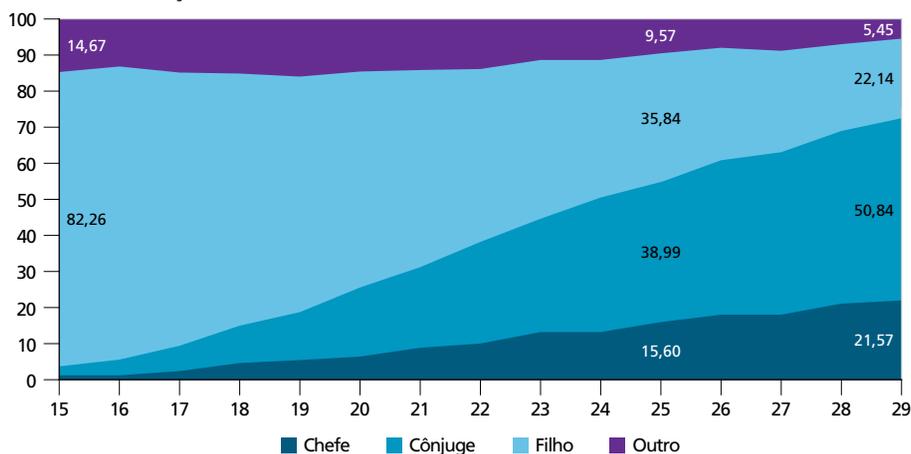
**Brasil: idade e posição dos jovens no domicílio em relação ao chefe, separados por sexo (2011)**

(Em %)

(a) Distribuição dos homens



(b) Distribuição das mulheres



Elaboração dos autores, com base nos microdados da Pnad (IBGE, 2011).

11. A categoria Outro engloba as demais possibilidades de relação com o chefe do domicílio consideradas pela Pnad, que são: outro parente, agregado, pensionista, empregado doméstico e parente do empregado doméstico.

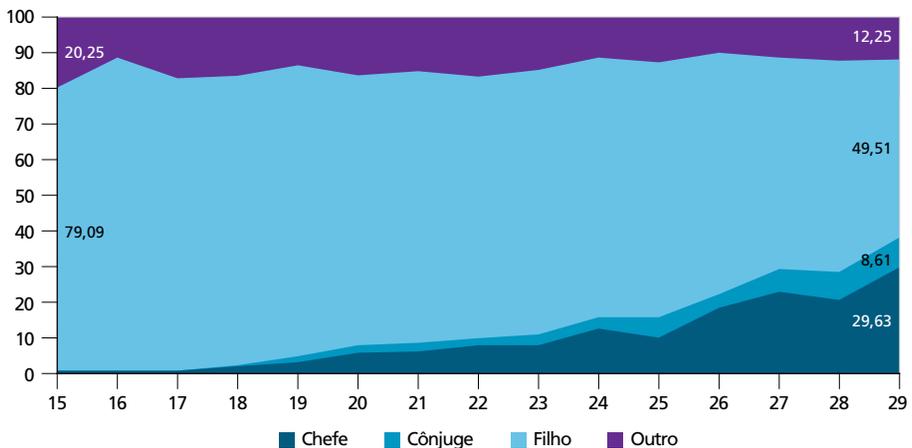
As relações entre os jovens e o chefe do domicílio onde vivem ganha especial relevância para os que não estudam e não trabalham, por permitir a identificação das condições familiares e do nível de responsabilidades assumidas por esses jovens. Essas questões, conforme salientado nas seções anteriores, são extremamente relevantes em termos de desenvolvimento humano e, também, possibilitam um comparativo com a situação dos jovens em geral. Dessa forma, no gráfico 7, destaca-se a relação dos jovens nem-nem com os chefes de domicílio.

GRÁFICO 7

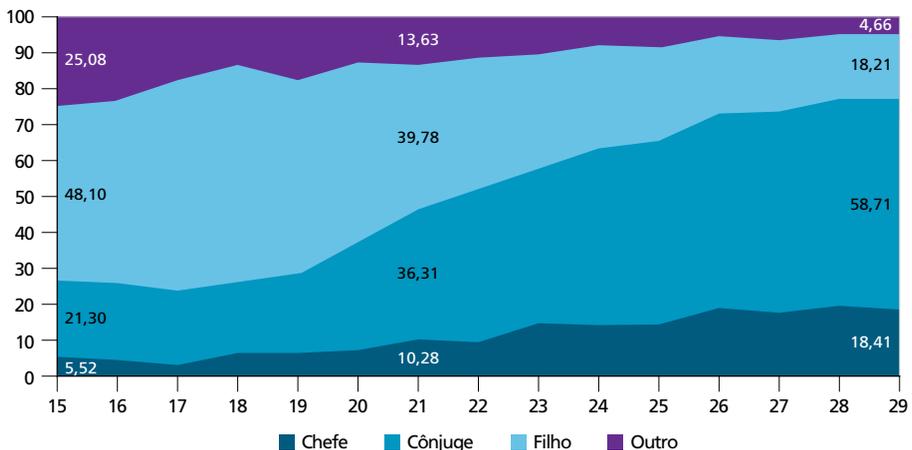
**Brasil: idade e posição dos jovens nem-nem no domicílio em relação ao chefe, separados por sexo (2011)**

(Em %)

(a) Distribuição dos homens



(b) Distribuição das mulheres



Elaboração dos autores, com base nos microdados da Phad (IBGE, 2011).

O gráfico 7 indica que os jovens nem-nem do sexo masculino são predominantemente considerados como filhos do chefe do domicílio em todas as idades analisadas. Isso mostra o menor dinamismo destes em termos de emancipação do ambiente de origem. Especialmente porque na última idade em consideração há aproximadamente 50% dos jovens nessa condição, um percentual bastante superior aos 31,5% identificados no caso geral.

Já no que tange às mulheres jovens nem-nem, nota-se o elevado percentual das que são consideradas cônjuges do chefe do domicílio, mesmo nas idades iniciais da amostra. Vale ressaltar que, no caso geral, pouco mais de 2% das jovens de 15 anos eram cônjuges do chefe do domicílio, enquanto entre as nem-nem este número é superior a 21%. Essa categoria ultrapassa, ainda, a de ser filha do chefe já aos 21 anos, isto é, quatro anos antes do caso geral. A relevância da categoria cônjuge do chefe é destacada em todas as idades, principalmente na última idade, que corresponde a cerca de 60% das jovens nem-nem.

A predominância de cônjuges do chefe do domicílio entre as nem-nem está altamente ligada à maternidade, uma vez que aproximadamente 55% delas possuem pelo menos um filho. Um percentual que se reduz para 36% quando são consideradas todas as jovens. Conforme já destacado no gráfico 5, há uma elevada ocorrência entre as jovens nem-nem mais novas e a gravidez na adolescência. Destaca-se, também, que 38% das jovens de até 18 anos nessa situação já são cônjuges do chefe do domicílio.

A relação entre gravidez, saída da escola e o posterior comprometimento da inserção no mercado de trabalho, é o tema de diversos estudos. Segundo Miller (2011), nos Estados Unidos, postergar a maternidade aumenta os rendimentos das futuras mães em 9% por ano de adiamento, sendo o impacto maior para mulheres com maior nível de escolaridade. Estudos para o Brasil, como Novellino (2010), Souza *et al.* (2011) e, ainda, Moore e Waite (1981) e Chavalier e Viitanen (2003), no âmbito internacional, associam a maternidade adolescente ao abandono da escola, a baixa escolaridade e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Os dados da Pnad (IBGE, 2011) indicam que entre as nem-nem que possuem filhos, cerca de 54% têm no máximo o ensino fundamental completo. Isso contribui para o desafio de promover melhores condições de vida para todos, por meio da inclusão das mulheres na educação e no mercado de trabalho.

#### 4 MÉTODO

A base de dados utilizada para a identificação da decisão entre estudo e trabalho dos jovens foi a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) do ano de 2011. A partir dela, foram considerados como jovens os indivíduos entre 15 e 29 anos e,

em função da semana de referência<sup>12</sup> em que foi realizada a pesquisa, eles foram separados por sexo e em quatro grupos, que são: *i*) só trabalha; *ii*) só estuda; *iii*) trabalha e estuda; e *iv*) nem-nem.

Dessa forma, as estimações levaram em conta aspectos do contexto familiar, social e das habilidades dos jovens para, em um primeiro momento, a realização de estimações considerando a definição de trabalho como de ocupação remunerada, isto é, se a pessoa recebeu algum dinheiro, mercadorias ou benefícios pelos serviços prestados, para em seguida, incluir nessa definição o trabalho em ocupações sem remuneração e a responsabilidade pelos afazeres domésticos.

As variáveis<sup>13</sup> utilizadas podem ser separadas em cinco subcategorias: as características pessoais, que correspondem à idade, à idade ao quadrado, se é filho do chefe do domicílio, a raça, se é casado e, para mulheres, se têm filho;<sup>14</sup> as características da escolaridade do indivíduo, que são representadas por quatro variáveis que indicam intervalos de anos de escolaridade, que são: *i*) 1 a 4; *ii*) 5 a 10; *iii*) 11 a 14; *iv*) e 15 ou mais anos de estudo;<sup>15</sup> características do ambiente domiciliar do indivíduo que correspondem à escolaridade máxima atingida pelo chefe e cônjuge do domicílio, interpretada como *proxy* para a escolaridade dos pais, se o chefe do domicílio trabalha e se a chefe do domicílio é mulher; características locacionais, que incluem o local de residência, se é rural ou não, e a região do país onde reside; e as características das condições do domicílio, que incluem se o jovem recebe alguma outra renda que não deriva do trabalho, como pensão etc., o número de pessoas que residem no domicílio, o número de cômodos desse domicílio e se ele possui esgoto encanado.

É importante salientar que para a identificação correta das características do ambiente domiciliar é necessário fazer uma restrição na amostra utilizada. Em especial, a base de dados não permite identificar os pais dos jovens que vivem sozinhos, o que impossibilita estimar o efeito da escolaridade destes na decisão dos jovens e torna necessária a sua exclusão da amostra. Cabe destacar que as mesmas regressões apresentadas a seguir foram também estimadas para a parte da amostra excluída, desconsiderando-se a variável de escolaridade dos pais, o que não apresentou discordância em termos da direção dos resultados aqui apresentados, reduzindo, portanto, potenciais implicações desta restrição.

A estimação segue a perspectiva de Becker (1965), a qual cada indivíduo busca maximizar seu bem-estar de acordo com suas preferências e sujeito a restrições de

---

12. A semana de referência da Pnad (IBGE, 2011) corresponde ao período de 18 a 24 de setembro de 2011.

13. A descrição completa das variáveis utilizadas está na tabela A.1 do Apêndice.

14. Esta variável foi apenas considerada para as jovens devido à impossibilidade de captação da informação para os homens, já que a Pnad só faz essa pergunta para as mulheres moradoras de 10 anos ou mais de idade.

15. Também foram considerados os intervalos de escolaridade 0; 1 a 4; 5 a 8; 9 a 11; e 12 ou mais anos de estudo que não apresentaram mudanças significativas nos resultados. Estes estão omitidos do trabalho, mas estão à disposição dos leitores interessados via solicitação.

recursos e preços. Dessa forma, assume-se que cada uma das categorias em análise podem ser representadas por um vetor  $J$ , em que  $J=(0 - \text{só trabalha; } 1 - \text{só estuda; } 2 - \text{estuda e trabalha; } 3 - \text{nem-nem})$  e que  $i$  representa cada indivíduo, de modo que  $i = (1, \dots, n)$ , a utilidade de cada jovem pode ser definida como:

$$U_{ij} = x'_{ij}\beta + \varepsilon_{ij}, \quad (1)$$

em que  $x$  são as características individuais, como idade, educação, raça etc. e  $\beta$  representa os parâmetros estimados para cada uma dessas características. Assim, se o jovem seleciona uma determinada categoria  $j$  em particular, assume-se que  $U_{ij}$  é máxima entre as  $J$  utilidades, de forma que  $\Pr(U_{ij} > U_{ik})$  para todo  $k \neq j$ .

Na intenção de atender ao objetivo do presente trabalho, busca-se verificar como alterações nos elementos de  $x$  afetam a probabilidade do jovem estar em cada uma das categorias, isto é,  $P(y_i = j | x_i)$ . O modelo *logit multinomial*, de acordo com Wooldridge (2010), estima estas probabilidades de modo que:

$$P(y_i = j | x_i) = \frac{e^{x'_i \beta_j}}{\sum_{k=0}^3 e^{x'_i \beta_k}}, \quad j = 0, 1, 2, 3. \quad (2)$$

É importante ressaltar que este modelo requer uma normalização arbitrária para uma categoria de referência, pois precisa fornecer  $J+1$  parâmetros com apenas  $J$  equações. Nesse sentido, a interpretação deve ser feita tomando-se uma das categorias de escolha como referência (Greene, 2011). Por fim, uma característica desses modelos é que podem ser representados por taxas de risco relativas, definidas como:

$$\ln \left[ \frac{P_{ij}}{P_{ik}} \right] = x'_i (\beta_j - \beta_k) = x'_i \beta_j, \quad \text{se } k = 0. \quad (3)$$

Essas taxas de risco não dependem das outras escolhas e muitas vezes são utilizadas para facilitar a interpretação dos coeficientes estimados. Vale destacar que essa estimação é conduzida via máxima verossimilhança.<sup>16</sup>

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta o resultado da aplicação do modelo *logit multinomial* conforme descrito acima. A estimação cuja variável dependente usa a definição de trabalho

16. Para mais informações sobre o procedimento, ver Wooldridge (2010) e Greene (2011).

usual para os homens é apresentada na tabela 1, enquanto a tabela 2 apresenta os resultados para a definição mais ampla de trabalho. Por sua vez, os resultados para as mulheres seguem a mesma ordem dos homens e são apresentados pelas tabelas 3 e 4, posteriormente. É importante ressaltar que o modelo necessita da escolha de uma categoria base, que no presente estudo é a de apenas estudar.

TABELA 1  
Taxas de risco relativas da aplicação do modelo *logit multinomial* para os homens jovens – 2011

Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e estuda	Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e estuda
Idade	5,982 <sup>1</sup> (0,462)	12,998 <sup>1</sup> (0,366)	2,971 <sup>1</sup> (0,244)	Chefe trab.	0,849 <sup>2</sup> (0,026)	1,173 (0,078)	1,271 (0,142)
Idade2	0,966 <sup>1</sup> (0,001)	0,952 <sup>1</sup> (0,001)	0,979 <sup>1</sup> (0,002)	Chefe mulher	1,203 (0,086)	1,110 (0,100)	1,005 (0,042)
Filho	0,954 (0,057)	0,689 <sup>1</sup> (0,018)	0,922 (0,043)	Nº pessoas	1,129 <sup>3</sup> (0,037)	1,143 <sup>2</sup> (0,031)	1,039 (0,017)
Raça	0,852 <sup>2</sup> (0,029)	0,839 (0,095)	0,944 (0,052)	Nº cômodos	0,889 <sup>1</sup> (0,005)	0,879 <sup>1</sup> (0,011)	0,972 <sup>2</sup> (0,005)
Casado	4,266 (2,771)	5,926 <sup>2</sup> (2,405)	3,909 (2,608)	Banheiro enc.	0,787 <sup>2</sup> (0,043)	0,639 <sup>2</sup> (0,057)	0,845 (0,071)
Estudo 1 a 4	0,260 <sup>1</sup> (0,026)	0,599 <sup>3</sup> (0,087)	0,996 (0,212)	Outra renda	0,927 (0,063)	0,162 <sup>1</sup> (0,010)	0,536 <sup>3</sup> (0,103)
Estudo 5 a 10	0,127 <sup>1</sup> (0,007)	0,368 <sup>2</sup> (0,065)	1,042 (0,143)	Rural	1,144 <sup>3</sup> (0,044)	2,147 <sup>1</sup> (0,131)	2,320 <sup>2</sup> (0,207)
Estudo 11 a 14	0,303 <sup>2</sup> (0,061)	0,872 (0,278)	1,711 <sup>2</sup> (0,169)	N	0,524 <sup>2</sup> (0,040)	0,415 <sup>1</sup> (0,027)	0,905 (0,031)
Estudo 15 mais	0,210 <sup>3</sup> (0,102)	0,831 (0,580)	1,199 (0,140)	NE	0,770 (0,078)	0,504 <sup>2</sup> (0,070)	0,743 <sup>3</sup> (0,052)
Educação pais primária	1,515 <sup>2</sup> (0,071)	1,673 <sup>1</sup> (0,021)	1,291 <sup>2</sup> (0,033)	S	0,889 (0,217)	1,327 (0,320)	1,386 (0,305)
Educação pais superior	0,460 <sup>2</sup> (0,081)	0,305 <sup>2</sup> (0,056)	0,623 <sup>1</sup> (0,021)	CO	0,750 (0,074)	0,790 <sup>3</sup> (0,055)	1,160 (0,126)

Elaboração dos autores, com base nos microdados da Pnad (IBGE, 2011).

Notas: <sup>1</sup>, <sup>2</sup> e <sup>3</sup> representam significância estatística de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Obs.: Desvios-padrão robustos à heterocedasticidade entre parênteses.

Conforme pode ser observado, a estimação para os homens jovens mostra que, entre as características pessoais, representada pelas cinco primeiras variáveis da tabela 1, quanto maior a idade do jovem mais ele está propenso a apenas trabalhar, ser nem-nem ou trabalhar e estudar. Esse efeito era esperado, pois a categoria apenas estudar é

a base adotada. Por sua vez, nas idades mais novas muitos dos jovens ainda estão terminando a educação básica. O efeito da idade e do casamento são mais fortes na categoria trabalha, reforçando importantes aspectos da transição para a vida adulta. A variável que indica se o jovem é filho do chefe do domicílio é significativa apenas para a categoria trabalha e implica diminuição na chance relativa de trabalhar em 31%. Ainda, entre as variáveis de características pessoais, a raça, isto é, ser caucasiano, reduz a probabilidade de se tornar nem-nem. Este último resultado evidencia a maior propensão dos caucasianos em permanecer na escola e, assim, acumular mais capital humano.

Os intervalos de anos de escolaridade considerados são estatisticamente significativos em todos seus níveis para os nem-nem e indicam redução na chance de estar nessa categoria. Isto é, a probabilidade de ser nem-nem está mais associada a ter nenhum ou menos de um ano de educação formal. Os intervalos de menor escolaridade, isto é, ter de 1 a 4 e de 5 a 10 anos de estudo, também estão associados a uma diminuição nas chances do jovem estar apenas trabalhando. Já quanto aos intervalos de maior escolaridade, foi verificado que ter entre 11 e 14 anos de estudo está associado a uma maior probabilidade de se estar simultaneamente trabalhando e estudando.

A educação dos pais, já evidenciada como importante fator na decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil (Leme; Wajnman, 2000; Corseuil *et al.*, 2001; Menezes-Filho *et al.*, 2002), indica que pais cuja escolaridade é ter no máximo a educação primária completa aumentam a chances relativas dos jovens não estarem estudando. O efeito oposto é encontrado para pais cujo nível de escolaridade é o ensino superior. Isso reflete o fato, também destacado por Corseuil *et al.* (2001), de que pais mais educados teriam mais informações sobre a importância da educação e tenderiam a atribuir maior valor ao tempo gasto por seus filhos em atividades escolares. Ainda, a variável de educação dos pais também pode ser entendida como *proxy* para a renda permanente, de forma que pais mais educados dispõem de mais recursos para investir na educação de seus filhos.

Entre as demais variáveis que representam o ambiente do domicílio, o fato do chefe do domicílio estar empregado é a única com significância estatística, e reduz a probabilidade do jovem ser nem-nem. As variáveis de condições do domicílio, de maneira geral, possuem o efeito esperado, de tal forma que quanto maior o número de pessoas no domicílio, menores são as chances relativas dos jovens estarem estudando. De forma contrária, em relação ao número de cômodos, se a casa possui banheiro encanado e se o jovem recebe alguma renda que não deriva do trabalho, aumenta a possibilidade dos estudos em detrimento das demais categorias.

Entre as variáveis locacionais, estar no meio rural diminui a probabilidade do jovem estudar, aumentando principalmente as chances de trabalhar e estudar ou só trabalhar, reflexo do acesso mais difícil a serviços públicos e de menor qualidade

do ensino, conforme destacado por Ferreira e Alves (2009). Por fim, as variáveis regionais, em comparação com o Sudeste, indicam que no Norte os jovens possuem menores chances relativas de serem nem-nem, enquanto no Norte, Nordeste e Centro-Oeste há menor probabilidade de estarem apenas trabalhando.

Os resultados estimados para a definição mais ampla de trabalho, a que inclui os afazeres domésticos e os trabalhos sem remuneração, são apresentados na tabela 2.

**TABELA 2**  
**Resultado do modelo *logit multinomial* para os homens jovens, utilizando a definição de trabalho que inclui os afazeres domésticos – 2011**

Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e estuda	Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e estuda
Idade	5,397 <sup>1</sup> (0,421)	9,016 <sup>1</sup> (0,621)	1,473 <sup>1</sup> (0,033)	Chefe trab.	0,829 <sup>2</sup> (0,018)	1,174 <sup>1</sup> (0,016)	1,249 <sup>3</sup> (0,091)
Idade2	0,968 <sup>1</sup> (0,002)	0,960 <sup>1</sup> (0,001)	0,994 <sup>1</sup> (0,001)	Chefe mulher	1,151 <sup>3</sup> (0,041)	1,149 (0,103)	1,016 (0,048)
Filho	0,970 (0,043)	0,704 <sup>1</sup> (0,015)	0,923 (0,075)	Nº pessoas	1,122 <sup>2</sup> (0,030)	1,095 <sup>2</sup> (0,017)	0,979 <sup>3</sup> (0,005)
Raça	0,788 <sup>2</sup> (0,031)	0,721 (0,089)	0,791 <sup>3</sup> (0,053)	Nº cômodos	0,878 <sup>1</sup> (0,006)	0,860 <sup>1</sup> (0,008)	0,952 <sup>1</sup> (0,000)
Casado	3,395 (2,160)	4,894 <sup>2</sup> (1,060)	2,714 (1,087)	Banheiro enc.	0,768 <sup>2</sup> (0,040)	0,615 <sup>1</sup> (0,017)	0,814 <sup>1</sup> (0,012)
Estudo 1 a 4	0,257 <sup>1</sup> (0,009)	0,628 <sup>3</sup> (0,079)	1,211 (0,200)	Outra renda	1,303 (0,158)	0,303 <sup>1</sup> (0,034)	0,955 (0,150)
Estudo 5 a 10	0,131 <sup>1</sup> (0,005)	0,464 <sup>2</sup> (0,068)	1,626 <sup>2</sup> (0,150)	Rural	0,985 (0,053)	1,817 <sup>1</sup> (0,029)	1,638 <sup>1</sup> (0,036)
Estudo 11 a 14	0,272 <sup>2</sup> (0,054)	1,025 (0,363)	2,110 <sup>2</sup> (0,291)	N	0,536 <sup>2</sup> (0,067)	0,606 <sup>2</sup> (0,049)	1,363 <sup>3</sup> (0,046)
Estudo 15 mais	0,242 <sup>3</sup> (0,111)	1,083 (0,729)	1,901 <sup>2</sup> (0,153)	NE	0,779 (0,126)	0,559 (0,132)	0,849 (0,147)
Educação pais primária	1,453 <sup>3</sup> (0,061)	1,512 <sup>1</sup> (0,035)	1,079 (0,035)	S	1,043 (0,339)	1,862 (0,642)	2,023 (0,592)
Educação pais superior	0,506 <sup>2</sup> (0,079)	0,330 <sup>2</sup> (0,067)	0,734 <sup>2</sup> (0,051)	CO	0,791 (0,094)	0,906 (0,052)	1,320 <sup>3</sup> (0,079)

Elaboração dos autores, com base nos dados da Pnad (IBGE, 2011).

Notas: <sup>1</sup>, <sup>2</sup> e <sup>3</sup> representam significância estatística de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Obs.: Desvios-padrão robustos à heterocedasticidade entre parênteses.

Nota-se, ao comparar esses resultados com os valores encontrados anteriormente, que apesar da mudança na definição de trabalho, a tabela 2 não apresenta mudanças significativas nos resultados. Isso ocorre, pois a definição mais ampla engloba principalmente os afazeres domésticos. Estes, por sua vez, são associados às mulheres. Dessa forma, passa-se a analisar os resultados encontrados na estimação dos determinantes da decisão entre estudo e trabalho para as mulheres jovens, que são apresentados na tabela 3.

TABELA 3  
Taxas de risco relativas da aplicação do modelo *logit multinomial* para as mulheres jovens – 2011

Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e estuda	Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e estuda
Idade	3,246 <sup>1</sup>	5,996 <sup>1</sup>	2,228 <sup>2</sup>	Chefe trab.	0,896	1,094 <sup>3</sup>	1,165
	(0,270)	(0,098)	(0,337)		(0,095)	(0,029)	(0,073)
Idade2	0,978 <sup>1</sup>	0,967 <sup>1</sup>	0,986 <sup>2</sup>	Chefe mulher	1,159	1,258 <sup>2</sup>	1,049
	(0,002)	(0,000)	(0,003)		(0,084)	(0,051)	(0,081)
Filho	0,617 <sup>2</sup>	0,574 <sup>2</sup>	0,882	Nº pessoas	1,159 <sup>3</sup>	1,152 <sup>2</sup>	1,007
	(0,048)	(0,053)	(0,102)		(0,044)	(0,022)	(0,006)
Raça	0,790 <sup>3</sup>	0,808 <sup>2</sup>	1,010	Nº cômodos	0,863 <sup>1</sup>	0,862 <sup>1</sup>	0,950 <sup>3</sup>
	(0,049)	(0,034)	(0,044)		(0,007)	(0,012)	(0,013)
Tem Filho	5,730 <sup>1</sup>	3,900 <sup>1</sup>	1,387 <sup>3</sup>	Banheiro enc.	0,815 <sup>3</sup>	0,843	0,901
	(0,508)	(0,320)	(0,131)		(0,049)	(0,056)	(0,077)
Casado	2,794 <sup>2</sup>	2,286 <sup>2</sup>	1,553 <sup>3</sup>	Outra renda	0,837	0,510 <sup>2</sup>	0,728 <sup>2</sup>
	(0,310)	(0,216)	(0,163)		(0,105)	(0,058)	(0,035)
Estudo 1 a 4	0,252 <sup>2</sup>	0,567	0,674	Rural	1,238 <sup>3</sup>	1,119	1,091 <sup>2</sup>
	(0,074)	(0,145)	(0,397)		(0,074)	(0,087)	(0,010)
Estudo 5 a 10	0,127 <sup>1</sup>	0,424 <sup>2</sup>	1,137	N	0,517 <sup>1</sup>	0,300 <sup>1</sup>	0,594 <sup>2</sup>
	(0,023)	(0,059)	(0,326)		(0,028)	(0,024)	(0,032)
Estudo 11 a 14	0,698 <sup>2</sup>	3,358 <sup>1</sup>	3,071 <sup>2</sup>	NE	0,792	0,444 <sup>2</sup>	0,609 <sup>3</sup>
	(0,063)	(0,074)	(0,730)		(0,083)	(0,077)	(0,081)
Estudo 15 mais	0,813	7,034 <sup>2</sup>	2,008	S	1,106	1,388	1,499
	(0,265)	(2,120)	(0,609)		(0,171)	(0,220)	(0,242)
Educação pais primária	1,552 <sup>1</sup>	1,628 <sup>1</sup>	1,069 <sup>2</sup>	CO	0,716 <sup>3</sup>	0,607 <sup>2</sup>	0,972
	(0,031)	(0,022)	(0,010)		(0,058)	(0,046)	(0,050)
Educação pais superior	0,432 <sup>1</sup>	0,334 <sup>2</sup>	0,589 <sup>2</sup>	-	-	-	-
	(0,019)	(0,050)	(0,049)	-	-	-	-

Elaboração dos autores a partir dos dados da Pnad (IBGE, 2011).

Notas: <sup>1</sup>, <sup>2</sup> e <sup>3</sup> representam significância estatística de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Obs.: Desvios-padrão robustos à heterocedasticidade entre parênteses.

Os resultados estimados para as mulheres, de forma semelhante ao dos homens, indicam que quanto maior a idade da jovem, menor são as chances relativas de elas estarem estudando em detrimento das outras categorias, principalmente apenas trabalhando. De forma contrária, os resultados apontam que ser mãe aumentam as chances da jovem tornar-se nem-nem, de trabalhar e de trabalhar e estudar. O maior valor encontrado para a categoria nem-nem e a representatividade desta categoria entre as jovens mais novas e com filhos, conforme salientado na seção 2, reforça a hipótese de que a maternidade adolescente está associada ao abandono da escola, à baixa escolaridade e à dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Isso pode, segundo Heckman (2008), ser um fator comprometedor dos investimentos realizados pela família durante a criação dos filhos, além de dificultar a formação de um ambiente propício para o seu maior desenvolvimento.

O casamento é outro fator que contribui para as chances da jovem ser nem-nem, trabalhar e trabalhar e estudar. Esse é um resultado distinto do encontrado para os homens, isto é, enquanto os jovens casados tendem a apenas trabalhar, as jovens casadas estão associadas a não estarem estudando de forma geral. Ainda no que se refere às características pessoais, ser filha do chefe e de ser da cor branca, fazem com que se reduzam as chances da jovem ser nem-nem e apenas trabalhar.

As variáveis que representam os intervalos de anos de estudo mais baixos atribuem, de forma semelhante ao caso masculino, para uma maior probabilidade das mulheres estarem estudando. Enquanto os intervalos entre 11 e 14 e 15 ou mais anos de estudo enfatizam, principalmente, uma maior chance da jovem apenas trabalhar. Já as variáveis de ensino dos pais, novamente em conformidade com o descrito para os homens, também possuem grande impacto na decisão das jovens. Ser filho de pais com menor escolaridade implica ter maior probabilidade de não estar estudando, enquanto pais com nível superior aumentam essas chances, o que forma uma espécie de transmissão da educação entre gerações.

Entre as *proxies* de riqueza, apenas o número de pessoas no domicílio não faz com que se aumentem as chances da jovem estar estudando. Indicando que a dedicação exclusiva ao estudo está atrelada a uma maior renda domiciliar. No conjunto de variáveis locais, chama atenção o fato das jovens que estão no meio rural terem maior probabilidade de serem nem-nem ou estarem trabalhando e estudando. Esses resultados reforçam a necessidade de uma maior inclusão social, especialmente das jovens no meio rural. Por fim, as *dummies* regionais indicam que, em comparação com o Sudeste, apenas no Sul, não há uma menor chance relativa das jovens estarem apenas trabalhando.

A tabela 4, assim como realizado para os homens, repetem as estimações, mas agora incluindo os afazeres domésticos e o trabalho sem remuneração na definição de trabalho.

A comparação entre os coeficientes encontrados na tabela 4 e os da definição usual de trabalho possibilita que sejam identificadas três distinções principais. A primeira refere-se à maternidade, que pela definição usual está associada à categoria nem-nem, enquanto, pela definição mais abrangente, a propensão maior passa ser a de estarem trabalhando, o que indica a importância dos cuidados com os filhos, parte importante das tarefas domésticas.

TABELA 4

**Resultado do modelo *logit multinomial* para as mulheres jovens, utilizando a definição de trabalho que inclui os afazeres domésticos – 2011**

Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e estuda	Variáveis	Nem-nem	Trabalha	Trabalha e estuda
Idade	2,549 <sup>2</sup> (0,324)	3,091 <sup>1</sup> (0,095)	0,884 (0,048)	Chefe trab.	0,962 (0,082)	1,384 <sup>1</sup> (0,039)	1,524 <sup>2</sup> (0,133)
Idade2	0,984 <sup>2</sup> (0,003)	0,981 <sup>1</sup> (0,001)	1,005 <sup>2</sup> (0,001)	Chefe mulher	1,173 <sup>3</sup> (0,047)	1,194 <sup>1</sup> (0,007)	1,007 (0,025)
Filho	0,888 (0,148)	0,608 (0,120)	0,996 (0,161)	Nº pessoas	1,202 <sup>3</sup> (0,063)	1,172 <sup>3</sup> (0,059)	1,022 (0,022)
Raça	0,813 (0,062)	0,632 <sup>2</sup> (0,061)	0,789 <sup>3</sup> (0,052)	Nº cômodos	0,838 <sup>1</sup> (0,012)	0,805 <sup>1</sup> (0,010)	0,900 <sup>1</sup> (0,006)
Tem Filho	3,863 <sup>2</sup> (0,794)	7,934 <sup>1</sup> (1,535)	1,899 <sup>2</sup> (0,265)	Banheiro enc.	0,855 (0,066)	0,662 <sup>2</sup> (0,054)	0,755 (0,085)
Casado	5,370 <sup>3</sup> (2,577)	5,835 (4,209)	3,001 (2,055)	Outra renda	1,455 <sup>3</sup> (0,186)	0,785 (0,069)	1,091 (0,192)
Estudo 1 a 4	0,143 <sup>1</sup> (0,021)	0,638 (0,112)	1,300 (0,365)	Rural	1,821 <sup>2</sup> (0,194)	2,258 <sup>1</sup> (0,076)	2,024 <sup>1</sup> (0,136)
Estudo 5 a 10	0,076 <sup>1</sup> (0,005)	0,487 <sup>1</sup> (0,033)	2,019 (0,675)	N	0,800 (0,090)	0,595 <sup>3</sup> (0,097)	1,248 (0,252)
Estudo 11 a 14	0,217 <sup>1</sup> (0,024)	2,240 <sup>1</sup> (0,174)	2,143 <sup>3</sup> (0,486)	NE	0,976 (0,111)	0,656 <sup>2</sup> (0,043)	0,911 <sup>3</sup> (0,023)
Estudo 15 mais	0,367 <sup>2</sup> (0,080)	4,728 <sup>2</sup> (1,232)	1,800 (0,364)	S	1,183 (0,155)	1,478 (0,298)	1,492 (0,230)
Educação. pais primária	1,656 <sup>1</sup> (0,008)	1,918 <sup>1</sup> (0,038)	1,259 <sup>1</sup> (0,022)	CO	0,999 (0,066)	0,737 <sup>1</sup> (0,020)	1,179 <sup>3</sup> (0,055)
Educação pais superior	0,635 (0,116)	0,277 <sup>1</sup> (0,022)	0,556 <sup>1</sup> (0,017)	-	-	-	-

Elaboração dos autores, com base a partir dos dados da Pnad (IBGE, 2011).

Notas: <sup>1</sup>, <sup>2</sup> e <sup>3</sup> representam significância estatística de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Obs.: Desvios-padrão robustos à heterocedasticidade entre parênteses.

Além dessa, a variável que indica se a jovem é casada, que anteriormente estava atrelada ao fato da jovem não estar mais estudando, agora apresenta significância estatística apenas para a categoria nem-nem. Esse resultado está em concordância com a análise descritiva dos dados realizada anteriormente, da qual foi possível

identificar que uma parcela bastante significativa das jovens nem-nem são cônjuges do chefe do domicílio.

Por fim, outra distinção está na questão locacional. Na definição mais abrangente de trabalho, as jovens que vivem no meio rural têm chances ainda maiores de não estarem estudando. O coeficiente encontrado é mais forte para a categoria trabalha, o que, comparando com o resultado apresentado na definição usual de trabalho, ressalta a importância dos afazeres domésticos para essas jovens.

Em suma, os resultados apresentados aqui, independentemente de sexo e definição de trabalho, associam os jovens nem-nem à baixa escolaridade dos pais, à menor renda e ao meio rural. Foi possível, no entanto, diagnosticar algumas diferenças de gênero, que ficaram ainda mais explícitas com a adoção de uma definição mais abrangente de trabalho. Entre as mulheres, fatores como a maternidade e como o casamento também tiveram papel relevante nas chances de a jovem ser nem-nem. Ou seja, apesar de nos dois modelos estimados para as mulheres, ter filho, viver no ambiente rural e ser casada implicam aumento na probabilidade de ser nem-nem, é ainda mais evidente na definição de trabalho que incluía os afazeres domésticos.

Assim, uma possível política que vise a amenizar o problema da geração nem-nem, de forma geral, deve buscar instrumentos que permitam uma maior conciliação entre os afazeres domésticos, o mercado de trabalho e os estudos. Isso deve ser feito, principalmente, por meio da prestação de serviços que auxiliem as jovens nos cuidados com filhos e, também, pela busca de uma maior inclusão social dos jovens no meio rural. Um exemplo desses serviços seria a realização de investimentos em creches e pré-escolas que podem ser fundamentais para que as mulheres consigam conciliar tarefas, permitindo uma maior igualdade de oportunidades entre homens e mulheres ao possibilitar a permanência destas na escola ou no mercado de trabalho.

É necessário ressaltar, no entanto, que a ênfase dessas políticas deve ser pela igualdade de oportunidades dos jovens, e não de resultados. Isso fica evidente, por exemplo, ao se considerar a maternidade, em que a responsabilidade por algumas tarefas domésticas por parte dos pais é fundamental para um melhor desenvolvimento dos filhos.<sup>17</sup> A forma com a qual a divisão sexual dessas tarefas ocorre, se em função da natureza ou de questões sociais, apesar de não apresentar consenso na literatura, não é possível negar que exista um processo social no qual não seja possível distinguir o que homens e mulheres escolheriam se fossem genuinamente livres para tal (Nussbaum, 1998; 2001).

---

17. Mais informações sobre a importância dos cuidados e do papel da família no desenvolvimento dos filhos podem ser obtidas em Heckman (2008).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar os determinantes da decisão dos jovens entre estudo e trabalho. Nesse sentido, foram comparadas duas definições de trabalho distintas, uma mais usual, relacionada à pessoa economicamente ativa, e outra, mais abrangente, que inclui as tarefas domésticas e o trabalho não remunerado. A ideia deste comparativo era possibilitar uma maior compreensão das jovens nem-nem, que têm perfil ligado aos afazeres domésticos.

Dessa maneira, foi possível identificar o impacto de algumas variáveis na decisão de estudar, trabalhar, realizar as duas tarefas, ou nenhuma delas. Destacaram-se, nesse sentido, as variáveis de escolaridade dos pais e as que refletiam a condição domiciliar, ambas indicaram a existência de uma transmissão intrageracional de escolaridade e de renda, importantes para o acúmulo de capital humano dos jovens. É importante, ainda, destacar a influência da maternidade da jovem na decisão de não permanecer estudando.

Não obstante, a comparação entre as duas definições de trabalho, permitiu enfatizar as diferenças entre os sexos. Especialmente para o caso das mulheres, a adoção da definição que incluía os afazeres domésticos resultou em aumento na intensidade de residir no meio rural e do casamento sobre a decisão de não estudar. A variável que indica se a jovem possui filhos, que antes apontava para uma maior probabilidade dela ser nem-nem, na definição mais abrangente, indicou maior propensão de estarem apenas trabalhando.

Com essa perspectiva, a diferença diagnosticada com a inclusão das tarefas domésticas, como trabalho, revela outra face do problema da geração nem-nem, de modo que políticas eficientes voltadas a reduzir este fenômeno devem buscar instrumentos que permitam às mulheres transferir as responsabilidades de parte das tarefas domésticas, principalmente o cuidado com os filhos. Isto é, que tornem possível uma maior igualdade de oportunidade entre os sexos.

## REFERÊNCIAS

- ALBANESI, S., OLIVETTI, C. Home production, market production and the gender wage gap: incentives and expectations. **Review of Economic Dynamics**, v.12, p. 80-107, 2009.
- ALCÁZAR, L., RENDÒN, S., WACHTENHEIM, E. Working and studying in rural Latin America: critical decisions of adolescence. Inter-American Development Bank, **Research Network Working Papers**, R-469, 2002.
- ARROW, K. The benefits of education and the formation of preferences. *In*: BEHRMAN, J. R; STACY, N. (Orgs.). **The social benefits of education**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

ARRUDA, M. R. **Prolongamento da Juventude**: opção ou falta de opção? 2004, 107 p. Dissertação (Mestrado em Demografia e Estudos Populacionais) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2004.

BANCO MUNDIAL. World development report 2007: Development and the next generation. World Bank, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/oIY1Lr>>. Acesso em: ago. 2013.

BECKER, G. A Theory of the allocation of time. **The Economic Journal**, v. 75, n. 299, p. 493-517, 1965.

BECKER, G. Human capital, effort, and the sexual division of labor. **Journal of Labor Economics**, v. 3, n. 1, p. S33-S58, 1985.

BECKER, G. **A treatise on the family**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

BERCOVICH, A.; MADEIRA, F. Descontinuidades demográficas no Brasil e no estado de São Paulo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 7., 1990. **Anais...** Abep, 1990.

BERCOVICH, A.; MASSÉ, G. Descontinuidades demográficas, onda jovem e mercado de trabalho: uma comparação entre Brasil e Argentina. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO (ALAP), 1., 2004, Caxambu, Minas Gerais. **Anais...** Caxambu: Alap, 2004.

BRUNS, B; EVANIS, D.; LUQUE, J. **Achieving world class education in Brazil**: the next agenda. Washington DC: The World Bank, 2012.

BYNNER, J.; HEATHER, J.; TSTATSAS, M. **Obstacles and opportunities on the route to adulthood**: evidence from rural and urban Britain. London: Smith Institute, 2000.

BYNNER, J. PARSONS, S. Social exclusion and the transition from school to work: the case of young people not in education, employment, or training NEET. **Journal of Vocational Behavior**, v. 60, n. 2, p. 289-309, 2002.

CAMARANO, A. A., KANSO, S. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de trabalho**. v. 53, p. 37-44, 2012.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. Transição para a vida adulta: mudanças por período de coorte; *In*: CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CAMARANO, A. A. *et al.* Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Última década**. v. 12, n. 21, p. 11-50, 2004.

CERQUEIRA, D.; MOURA, R. L. Oportunidades para o jovem no mercado de trabalho e homicídios no Brasil. *In*: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Brasília: Ipea, 2014.

CHEVALIER, A, VIITANEN, T. The long-run labour market consequences of teenage motherhood in Britain. **Journal of Population Economics**, v. 16, n. 2, p. 323-343, 2003.

CHIAPPORI, P. Collective Labor Supply and Welfare. **Journal of Political Economy**. v. 100, n. 3, p.437-467, 1992.

COLES, B. *et al.* Literature Review of the Costs of being Not in Education, Employment or Training at Age 16-18. **Research Report**, Department for Education and Skills, n. 347, 2010.

CORSEUIL, C. H; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M. Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. Brasília: Ipea, 2001. (Texto para discussão n. 797)

COSTA, J. S. M.; ULYSSEA, G. O fenômeno dos jovens nem-nem. *In*: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Brasília: Ipea, 2014.

CUNNINGHAM, W. Unpacking youth unemployment in Latin America. **World Bank Policy Research Working Paper**, n. 5022, 2009.

CUNNINGHAM, W.; SALVAGNO, J. B. Youth Employment Transitions in Latin America. **World Bank Policy Research Working Paper**, n. 5521, 2011.

DORSETT, R., LUCCHINO, P. Snakes and ladders in the youth labour market. *In*: ANNUAL CONFERENCE OF THE EUROPEAN SOCIETY FOR POPULATION ECONOMICS (ESPE), 26., 2012, Bern. **Anais...** Bern, 2012.

EDMONDS, E. Child Labor. **IZA Discussion Paper**, n. 2606, 2007.

FERREIRA, B.; ALVES, F. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. *In*: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. A. M. C.; ANDRADE, C. C. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

FURLONG, A.; CARTMEL, F. **Young people and social change: individualisation and risk in late modernity**. Buckingham: Open University Press, 2007.

GONZAGA, G. Labor turnover and labor legislation in Brazil. **Economía**, v. 4, n. 1, p. 165-222, 2003.

GONZAGA, G. *et al.* The effects of an apprenticeship program on labor market outcomes of youths in Brazil. *In*: MEETING OF THE BRAZILIAN ECONOMETRIC SOCIETY. 34., 2012. **Anais...** Porto de Galinhas, 2012.

- GREENE, W. H. **Econometric analysis**. 7. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2011.
- HADFIELD, G. A coordination model of the sexual division of labor. **Journal of Economic Behavior & Organization**. v. 40, p. 125-153, 1999.
- HAVEMAN, R. H.; WOLFE, B. L. Schooling and economic well-being: the role of nonmarket effects. **The Journal of Human Resources**. v. 19, n. 3, p. 377-407, 1984.
- HECKMAN, J. J. Role of income and family influence on child outcomes. **Annals of the New York Academy of Sciences**. v. 1136, p. 307-323, 2008.
- HERSCH, J. The effect of housework on earnings of husbands and wives. **Social Science Quarterly**, v. 66, p. 210-217, 1985.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Amostra em Domicílio – Pnad**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011 Disponível em: <<http://goo.gl/bjDi>>. Acesso em: dez. 2012.
- ILO – INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Global Employment Trends for Youth**, 2006. Disponível em: <<http://www.ilo.org>>. Acesso em: jan. 2013.
- KIMMEL, J.; CONNELLY, R. Mothers' time choices: caregiving, leisure, home production, and paid work. **The Journal of Human Resources**. v. 42, n. 3, p. 663-681, 2006.
- KRUGER, D. I.; BERTHELOM, M. E. Child work and schooling: the role of domestic activities among girls in Brazil. *In*: World Bank Conference on Employment and Development 2008, Los Angeles. **Anais...** Los Angeles, 2008.
- LAM, D.; DURYEA, S. Effects of schooling on fertility, labor supply, and investments in children, with evidence from Brazil. **Journal of Human Resources**, Wisconsin, USA, v. 34, n. 1, p. 160-192, 1999.
- LEME, M.; WAJNMAN, S. A alocação do tempo dos adolescentes brasileiros entre o trabalho e a escola. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000. Caxambu. **Anais...** Caxambu: Abep, 2000.
- LEVISON, D.; MOE, K. S. Household work as a deterrent to schooling: an analysis of adolescent girls in Peru. **Journal of Developing Areas**, v. 32, n. 3, p. 339-356, 1998.
- LEVISON. *et al.* Youth education and work in Mexico. **World Development**, v. 29, n.1, p. 167-188, 2001.
- MADEIRA, F. R. Educação e desigualdade no tempo de juventude. *In*: CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

- MANSER, M.; BROWN, M. Marriage and household decision making: a bargaining analysis. **International Economic Review**. v. 21, p. 31-44, 1980.
- MCELROY, M., HORNEY, M. Nash-bargained household decisions: toward a generalization of the theory of demand. **International Economic Review**, v. 22, p. 333-349, 1981.
- MELLO, J. L. **Transições para a vida adulta**: os jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro. 2005. 145 p. Dissertação (Mestrado em Demografia e Estudos Populacionais) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, IBGE, Rio de Janeiro, 2005.
- MENEZES-FILHO, N. A. *et al.* Adolescents in Latin America and the Caribbean: examining the time allocation decisions with cross-country micro data. **Inter-American Development Bank Research Network**, 2002. (Working Paper n. R-470).
- MILLER, R. A. Job Matching and Occupational Choice. **Journal of Political Economy**, v. 92, n. 6, p. 1086-1120, 1984.
- MILLER, A. R. The effects of motherhood timing on career path. **Journal of Population Economics**. v. 24, n. 3, p. 1071-1100, 2011.
- MOORE, K.; WAITE, L. J. Marital dissolution, early motherhood and early marriage. **Social Forces**. v. 60, n. 1, p. 20-40, 1981.
- NOVELLINO, M. S. F. Um estudo sobre as mães adolescentes brasileiras. **Psysis Revista de Saúde Coletiva**. v. 21, p. 299-318, 2010.
- NUSSBAUM, M. **Sex and social justice**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- NUSSBAUM M. **Women and human development**: the capabilities approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Investing in youth**: Brazil. OECD Publishing, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/hCBKzq>>. Acesso: set. 2015.
- ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **We can end poverty millennium development goals and beyond 2015**. Fact Sheet. The Millennium Development Goals Report 2013, United Nations. Disponível em: <[goo.gl/t2AhVy](http://goo.gl/t2AhVy)> Acesso: jan. 2013.
- PARDO, M. S. Jóvenes que ni estudian ni trabajan: un riesgo para la cohesión social em America Latina. **Mimeo**, CIEPLAN y Tecnológico de Monterrey, 2011.
- PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Inovar para incluir**: jóvenes y el desarrollo humano. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2009.

POPHAM, I. Tacking NEETs: research on action and other factors that can contribute to a reduction in the number of young people not in education, employment or training (NEET). **DfES Publications**: Nottingham, 2003.

QUINTINI, G.; MARTIN, S. Starting well or losing their way?: the position of youth in the labour market in OECD countries. **OECD Social, Employment and Migration Working Papers**, n. 39, 2006.

QUINTINI, G.; MARTIN, J.; MARTIN, S. The Changing nature of the school-to-work transition process in OECD countries. **IZA Discussion Paper**, n. 2582, 2007.

ROBSON, K. Becoming NEET in Europe: a comparison of predictors and later-life outcomes. *In*: GLOBAL NETWORK ON INEQUALITY MINI-CONFERENCE, 2008, New York. **Anais...** New York, 2008.

SCHULTZ, T., P. Why governments should invest more to educate girls. **World Development**, v. 30, n. 2, p. 207-225, 2002.

SOUZA, L. R.; RIOS-NETO, E. L. G.; QUEIROZ, B. L. A relação entre parturição e trabalho feminino no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 28, n. 1, p. 57-79, 2011.

STRAUSS, J.; THOMAS, D. Human resources: empirical modeling of household and family decisions. *In*: RODRIK, D.; ROSENZWEIG, M. (Eds.). **Handbook of Development Economics**, v. 3, part A, p. 1883-2023, 1995.

VIEIRA, J. M. Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 25, n. 1, p. 27-48, 2008.

WDI – WORLD DEVELOPMENT INDICATORS. Disponível em: <<http://goo.gl/YAaF4>>. Acesso em: set. 2015.

WELLER, J. La inserción laboral de los jóvenes: características, tensiones y desafíos. **Revista de la Cepal**, v. 92, p. 61-82, 2007.

WOOLDRIDGE, J. M. **Econometric analysis of cross section and panel data**. Cambridge, EUA: MIT Press, 2010.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

FUSSEL, E. Structuring the transition to adulthood: an entropy analysis of the early life course in the United States, 1880 to 2000. *In*: **Meeting PAA**, 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/UeySAR>>. Acesso em: jan. 2013.

UNICEF – FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Hidden in plain sight**: a statistical analysis of violence against children. New York, 2014.

## APÊNDICE

TABELA A.1  
Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas

Variável	Observações	Média	Desvio- padrão	Mínimo	Máximo
Idade	62983	20,486	4,092	15	29
Idade 2	62983	436,43	175,50	225	841
Filho	62983	0,815	0,388	0	1
Raça	62983	0,425	0,494	0	1
Mãe	28834	0,165	0,371	0	1
Casado	62983	0,011	0,104	0	1
Estudo 1 a 4	62983	0,055	0,229	0	1
Estudo 5 a 10	62983	0,480	0,500	0	1
Estudo 11 a 14	62983	0,371	0,483	0	1
Estudo 15 mais	62983	0,054	0,226	0	1
Educ. país prim.	62983	0,427	0,495	0	1
Educ. país sup.	62983	0,151	0,358	0	1
Chefe trabalha	62983	0,675	0,468	0	1
Chefe mulher	62983	0,400	0,490	0	1
Nº pessoas	62983	4,649	1,850	1	29
Nº cômodos	62983	6,198	2,137	1	28
Banheiro enc.	62983	0,570	0,495	0	1
Outra renda	62983	0,059	0,236	0	1
Rural	62983	0,131	0,337	0	1
N	62983	0,170	0,376	0	1
NE	62983	0,307	0,461	0	1
S	62983	0,143	0,350	0	1
CO	62983	0,099	0,298	0	1

Elaboração dos autores, com base nos dados da Pnad (IBGE, 2011).